

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 2, n. 2, 2014

Prof. Enio Moraes Júnior

Prof. Renato Essenfelder Abrahão Filho

Profa. Veronica Goyzueta



**OS NOVOS CAMINHOS
DO JORNALISMO**

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

J. Roberto Whitaker Penteado
Presidente

Alexandre Gracioso
Vice-presidente acadêmico

Elisabeth Dau Corrêa
Vice-presidente administrativo-financeira

Emmanuel Publio Dias
Vice-presidente corporativo

José Francisco Queiroz
Vice-presidente de marketing e comunicação

Luiz Fernando Dabul Garcia
Diretor geral da graduação ESPM-SP

Ismael Rocha
Diretor acadêmico de graduação ESPM-SP

Conselho Editorial

Prof. Carlos Frederico Lucio

Profa. Cristina Helena Pinto de Mello

Profa. Denise Fabretti

Prof. Fabio Mariano Borges

Prof. Ismael Rocha

Prof. João Osvaldo Schiavon Matta

Prof. Luiz Fernando Dabul Garcia

Prof. Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Prof. Leonardo Nelmi Trevisan
(Edição de texto)

Prof. Matheus Matsuda Marangoni
(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch
(Gerência de edição)

APRESENTAÇÃO

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico, nos seguintes formatos: texto: Microsoft Word; tabelas: Excel; gráficos e figuras: Powerpoint. Quanto a forma, os originais deverão ser apresentados em arquivo de texto: Microsoft Word, página tamanho A4, margem esquerda e superior de 3cm, direita e inferior de 2cm, espaço 1,5, fonte Times New Roman, com limite de 06 páginas. O Discussion Paper ESPM adota como critério orientador para elaboração das referências bibliográficas dos papers a norma NBR-6023:2002 - Informação e documentação.

O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores (blind review), que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Os resultados desta avaliação serão encaminhados aos autores através do endereço eletrônico informado no ato da submissão, preservadas estritamente a confidencialidade e privacidade deste resultado.

SUMÁRIO

A essência do jornalismo e as tecnologias da comunicação.....4

Enio Moraes Júnior

Imediatismo.....6

Veronica Goyzueta

Tempo versus jornalismo: a urgência do noticiário contemporâneo e suas
ameaças.....12

Renato Essenfelder Abrahão Filho

OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |

As tecnologias de comunicação não alteram a essência do jornalismo, que só tem sentido quando associado ao interesse público

Enio Moraes Júnior

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor do curso de Jornalismo da ESPM-SP, é autor de do livro “Formação de Jornalistas: elementos para uma pedagogia de ensino do interesse público” (Annablume, 2013) e membro do Grupo de Pesquisa de Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor), da USP.

As tecnologias digitais – e algumas de suas consequências para a imprensa, como o imediatismo – alteram, na essência, o jornalismo? Essa é uma questão que, vez por outra, vem à tona nas etapas de formação de jornalistas e até nas conversas com colegas que estão nas redações.

Penso que em nada as tecnologias alteram o jornalismo. Ele continua sendo o que sempre foi e servindo para as mesmas

coisas: para qualificar a vida das pessoas e das comunidades por meio de sua principal missão: a produção da informação de interesse público. Por ser exatamente esse o objetivo que norteia e sempre norteou a atividade da imprensa, é que o jornalismo continua sendo o mesmo.

Penso que em nada as tecnologias alteram o jornalismo. Ele continua sendo o que sempre foi e servindo para as mesmas coisas

O sentido do que significa o interesse público está associado à história da luta dos grupos humanos pela construção da vida comunitária, consolidada em direitos e em deveres. Ele nasce, portanto, articulado à ideia de cidadania – os gregos antigos já trabalhavam, portanto, o conceito – e

chega aos tempos modernos afinado com as ideias de direitos humanos e de democracia, inscrevendo-se nos documentos cunhados ao fim de revoluções como a Francesa.

Na contemporaneidade, o interesse público vai ganhar voz em discussões que tratam de questões como os direitos das minorias, do trabalhador, da mulher e, mais recentemente, articula-se a discussões como a pluralidade e a diversidade. Hoje, com as tecnologias digitais e as redes sociais, esse interesse vai aparecer no ativismo digital capaz de mobilizar e levar multidões às ruas para gritar sua insatisfação, incomodar.

Se a cidadania, a democracia e os direitos humanos são pontos de chegada, conquistas históricas – e como tais em permanente renovação – o interesse público constitui a ação que determina essas conquistas. Portanto, ele não

OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |



é algo abstrato nem uma meta a ser alcançada. O interesse público é o sentido da ação de cada um de nós, seja na nossa profissão, na nossa cidade, no nosso dia a dia.

Essa perspectiva tem a ver com o conceito da ação arenditiana, de Hannah Arendt. Para ela, o que revela no homem a condição humana é a possibilidade de poder deliberar sobre o significado



dos seus atos. Para a autora, é a ideia de uma ação cujos objetivos não são apenas umbilicais, mas que tem sentido amplo e social, que determina a coerência de vivemos em comunidade e de estarmos no mundo.

No caso do jornalismo, a escolha da pauta e sua angulação, o encaminhamento de uma reportagem e o uso de uma ética da linguagem, por exemplo, são ações – arenditianas – sobre as quais o jornalista debruçar-se todos os dias.

Sendo exatamente o interesse público o norte para se pensar a atuação do jornalista e o fazer jornalístico – não existe sentido em pensar que a imprensa altera-se com as tecnologias. Em vez disso,

o que revela no homem a condição humana é a possibilidade de poder deliberar sobre o significado dos seus atos

ela se reinventa para que continue sendo exatamente a mesma. Compreender, sugerir e conduzir os destinos dessa reinvenção cabe ao próprio jornalismo e às escolas que formam jornalistas.

Embora diferente em seu *modus operandi*, e isso tem a ver com as tecnologias, o jornalismo continua o mesmo, servindo ao que sempre serviu: ao cidadão, ao interesse público. Ainda bem!

OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |



”Imediatismo”

Veronica Goyzueta

Professora da ESPM. Formada em letras pela PUC de Lima, em jornalismo pela UnB, e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie. Atualmente trabalha como correspondente para o jornal espanhol ABC e para a agência de notícias mergermarket, do grupo Financial Times (FT).

A pergunta é ótima e tem bastante a ver com a trajetória do meu trabalho que começou em agências de notícias, um área que já lida há muito tempo

com duas dessas questões, as tecnologias e o imediatismo, que são importantes na cobertura em tempo real.

Comecei a minha carreira como jornalista em agências de notícias. O meu primeiro trabalho, como estagiária, foi na Notimex, uma agência do estado mexicano, onde a velocidade não era tão importante, mas que utilizava recursos de tecnologia, na época, a transmissão de notícias pela internet, que estava nos seus primórdios. Uns anos depois me mudei para São Paulo, para trabalhar como correspondente de agência de notícias Dow Jones, que ainda

OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |

hoje é uma das mais importantes do mundo na cobertura da economia, e onde sim, a velocidade era uma coisa muito importante.

Lembro que já nessa época, estou falando de 1996, recebíamos um relatório semanal das matérias, com os nossos tempos de publicação, que eram comparados aos do nosso principal concorrente. Se saíssemos na frente comemorávamos, se ficávamos muito atrás, éramos cobrados. Era uma concorrência pelos segundos do tempo real.

As agências de notícias trabalham há muito tempo com

Se saíssemos na frente comemorávamos, se ficávamos muito atrás, éramos cobrados. Era uma concorrência pelos segundos do tempo real.

essa questão da velocidade da notícia, que hoje já é uma coisa normal na profissão. O que está acontecendo hoje é que os jornais estão tendo um papel muito parecido com o que antigamente tinham as agências de notícias. Com a cobrança da velocidade em todos os níveis e veículos informação, ficou até difícil de distinguir o que é um jornal, o que é um portal, ou o que é uma agência de notícias, quando todos estes meios estão na mesma plataforma, a internet. Isso faz com que todos os meios



de informação tenham hoje a mesma exigência dos leitores, e tenham de colocar as notícias muito rápido no ar.

A internet trouxe essa velocidade para toda a imprensa e tornou a informação mais rápida e acessível para todos. O “tempo real” deixou de ser uma exclusividade das agências de notícias e de quem podia pagar por elas. Ao mesmo tempo, deu aos cidadãos a possibilidade de comunicar e dar informações de uma forma mais barata e rápida, a través de blogs, redes sociais e do Twitter. Qualquer pessoa pode hoje compartilhar informações, mas pode também dar uma notícia em primeira mão, aproveitando a internet e as tecnologias que hoje são acessíveis para todos, a través de aparelhos como os smartphones e os tablets.

Temos hoje muitos blogs, muitos portais capazes de dar informações novas. Neste caso, a preocupação é com a seriedade de quem produz as informações. Nem sempre há jornalistas formados nem

pessoas idôneas atrás dos conteúdos. Em maio deste ano, um site do Guarujá, o Guarujá Alerta, publicou uma notícia de forma completamente irresponsável, sem verificar a autenticidade da foto nem das informações que estava colocando na internet. O site publicou um retrato falado, que seria de uma mulher que realizava rituais de magia negra com crianças sequestradas. A notícia, publicada no Facebook, se espalhou rapidamente e uma mulher, que foi confundida com a da foto, foi linchada e morta. Depois desse assassinato, confirmou-se que o retrato havia sido feito dois anos antes por policiais do Rio de Janeiro, e que nada tinha a ver, nem com o Guarujá nem com crianças sacrificadas, nem com a mulher que foi assassinada.

Temos vários casos como este, em que pessoas são acusadas de forma irresponsável, sem nenhuma apuração jornalística, pela ansiedade de se ter uma notícia. Isso traz consequências desastrosas para os envolvidos. Um dos casos mais lembrados nesse tipo de irresponsabilidade, é o da Escola Base.

Vivemos nas redações uma ansiedade pela notícia. Se um concorrente dá uma informação, o nosso editor pede a mesma matéria, e chama a nossa atenção pelo furo levado do concorrente. Nenhum veículo de comunicação gosta de ser furado, os jornalistas também não, e nessa competição por segundos, muitas vezes se descuida a apuração.

OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |

É por tudo isso que a formação dos jornalistas é cada vez mais importante. Há pessoas que defendem que qualquer um pode ser jornalista, mas fatos como estes mostram que não é bem assim. É importante sim, a Universidade, o diploma, e a formação, para termos profissionais que façam jornalismo e conteúdos responsáveis, que saibam o que é uma apuração. Um furo é importante, mas ele não é nada sem uma apuração correta. Um grande “furo” mal verificado, pode virar uma monumental barriga.

Um bom exemplo disso é um caso recente acontecido com o El País, um jornal que todos conhecem e que é um dos mais respeitados do mundo. Os editores cometeram um erro terrível em janeiro de 2013, quando publicaram na capa do jornal uma foto do então presidente venezuelano, Hugo Chávez, entubado, que compraram da agência de

fotografia Gtres. A notícia do El País já tinha dado a volta ao mundo pelas redes sociais, quando finalmente se descobriu que a foto não era do Chávez, mas que tinha sido tirada de um vídeo na internet, e vendida para o jornal. Dias depois, se soube que a foto tinha sido uma brincadeira de um fotógrafo italiano, feita justamente para provar os erros que os jornais cometem na sua busca frenética por furos. Na época, a saúde de Chávez era uma das informações mais procuradas na imprensa e havia muita especulação, o que exigia cuidados redobrados.

No subtítulo da foto, o jornal informava que não havia podido verificar de forma independente as circunstâncias em que a imagem tinha sido conseguida, pelas particularidades políticas de Cuba e suas restrições informativas. A mensagem não adiantou.

Por uma foto falsa, o El País colocou em risco o seu prestígio.



Na mesma semana, os diretores e editores do jornal, contaram o passo-a-passo da negociação do material que tinha os deixado expostos. No longo artigo “Relato de un error de EL PAÍS”, escrito por dois respeitados repórteres da casa, José María Irujo e Joseba Elola, o jornal buscava explicar como foi o processo de apuração dessa foto, as tentativas para saber se era verdadeira ou não, a lista de

O “tempo real” deixou de ser uma exclusividade das agências de notícias e de quem podia pagar por elas

.....

pessoas para os quais ligaram para verificar o material. Mas por mais que tentassem se justificar e citassem cada momento da decisão de publicar essa foto, eles não deram um furo, mas uma barriga. O episódio é uma aula sobre o cuidado que temos que ter com a informação nestes tempos.

Na minha experiência em duas grandes agências para as quais trabalhei, Dow Jones Newswires, e mergermaket, que até há pouco tempo era do Financial Times, vivi a experiência de trabalhar com a informação em alta velocidade. Tanto no grupo Dow Jones, como no grupo Financial Times, é muito clara a



OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |

obrigação de informação muito rápida, mas sem erros. Na cobertura de notícias de economia, que trabalham com dados e números, uma notícia errada pode afetar grandes negócios, além de prejudicar a credibilidade da empresa.

O meu trabalho no mergermarket, foi especialmente interessante. Por ser uma agência especializada em fusões e aquisições com um grupo de assinantes fechados, as notícias cobertas diariamente precisavam ser sempre furos. A proposta editorial da agência era escrever sobre coisas que ninguém tivesse publicado, o que era muito desafiador e também muito cansativo. Para garantir que tínhamos um furo na mão, toda notícia que fosse publicada tinha de ser nova e exclusiva. Nada poderia ser publicado se não tivesse pelo menos duas confirmações, e não passasse por várias etapas de edição até entrar no ar, em geral de dois a três editores. Quando a notícia era considerada um risco de processo judicial era levada até o editor chefe global. As nossas

Nenhum veículo de comunicação gosta de ser furado, os jornalistas também não, e nessa competição por segundos, muitas vezes se descuida a apuração.

fontes não eram nunca divulgadas, mas registradas no sistema, em *background*, para consulta dos editores.

Infelizmente essa é uma prática que muitos veículos não exigem. Vemos por aí jornalistas escrevendo sem fazer a checagem, sem ouvir várias opiniões, e escondendo fontes em descrições gerais. Há informações muito simples que às vezes podem ser escritas com uma única fonte, como uma entrevista, por exemplo. Mas notícias em geral, tem que ter duas, três fontes ou mais, e no caso de furos precisam obrigatoriamente da confirmação.

Eu lembro muito de uma cobertura que estava fazendo para o mergermarket, sobre uma aquisição que o Citibank iria fazer no Brasil. Eu estava com a informação correta passada por uma fonte interna muito confiável, que participava da negociação, mas não consegui nem a segunda nem a terceira confirmação. No dia seguinte o jornal Valor deu a matéria sem citar fontes, e a notícia acabou se confirmando no mesmo dia. Eu tinha mesmo a informação correta, mas sem a confirmação não poderia publicar. Doeu perder o furo, mas concordava plenamente com o processo exigido na reportagem.

Essa forma de trabalho é um padrão que as grandes agências seguem, e o que as fez conquistar a reputação que têm. Isso é bom, porque hoje essas agências viraram a primeira fonte de informação confiável. Elas têm as suas matérias reproduzidas no mundo todo, em todos os jornais. Vocês podem ver que é muito raro, pelo menos entre as grandes agências que tem se mantido no mercado, ver uma barrigada.



OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |

Aliás, as agências de notícias sempre foram pioneiras em modelos que depois foram adotados pelos jornais. Elas sempre tiveram a sua história vinculada ao desenvolvimento de tecnologias de informação, um movimento que foi seguido pelos jornais. Agora, os veículos de comunicação em geral, estão indo atrás dessa forma mais imediata, mais ágil, e mais rápida do jornalismo, seguindo também uma forma de trabalhar criada nas agências. O modelo de notícias piramidais criado pelas agências no final do século XIX, por exemplo, é um formato hoje adotado no webjornalismo. Seria interessante que os jornais, que sempre as seguiram, e agora os blogs, e os sites, também adotassem a prática das agências, de sempre ter informações verificadas por

várias fontes antes de publicar.

Esse avanço trazido pelas agências, de agilidade e rapidez em todos os meios de comunicação, deve ser seguido não apenas nas tecnologias, mas também na responsabilidade da informação, na apuração, nas fontes.

Por outro lado, temos a realidade de ter cada vez menos jornalistas fazendo coberturas, algo que não é novo, mas vem se acentuando. Lembro de um caso de um colega americano que trabalhava na agência UPI, uma das mais importantes do mundo nas décadas de 70 e 80. Este amigo era nessa época o único correspondente da UPI no Brasil. Ele recebeu a notícia de que uma outra agência tinha informado o afundamento de um barco na Amazônia, onde tinha

morrido um monte de gente. Ele ligou para o local e falou com a primeira pessoa com quem conseguiu falar. Eram os anos 80, com as comunicações muito complicadas. Ele conseguiu falar com um cara que chamava Jurandir, que não tinha cargo nem sobrenome, algo que era difícil de explicar para o seu editor nos Estados Unidos. Mas essa fonte, confirmou que tinham morrido 120 pessoas.

Com a confirmação, ele escreveu e mandou a matéria antes que o concorrente. Ele conta que estava feliz, que fez até uma dancinha no escritório para comemorar que tinha ganho. No dia seguinte, quando foi fazer o seguimento da repercussão da matéria, quem atendeu não era mais o Jurandir, mas uma outra pessoa.



OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |

- o Jurandir está?
- Não, não está.
- Mas, então você poderia me contar, como é que foi? morreu toda essa quantidade de gente? levaram para o hospital?
- Olha, na verdade, não morreu ninguém.
- Como assim? Mas o quê aconteceu?
- Não, o barco encalhou, estava seco, as pessoas desceram do barco e saíram andando.

Como jornalistas, que temos acesso a informações em primeira mão, devemos saber manejar e controlar o que temos

.....

E aí, começava o desespero dele para explicar para o chefe que ele tinha enfim, errado a matéria.

Hoje temos twiteros, e gente que posta notícias no Facebook. Temos sites, blogs, blogs que têm jornalistas, outros que não têm jornalistas, mas curiosos, e aficionados a determinados assuntos. E essas pessoas também estão twittando e também estão fazendo rede social, concorrendo diretamente com jornalistas, com o jornalismo, com os jornais, algo que pode ser muito delicado, como no caso citado antes da página Guarujá Alerta.

Mas o jornalista tem outra responsabilidade, outra relação com as redes sociais. Eu hoje sou freelancer, mas no Twitter não deixo de ser a correspondente Verônica Goyzueta que escreve para o jornal espanhol ABC. Não importa o vínculo que eu tenha com o jornal, tenho que ter muita responsabilidade sobre o que coloco nas redes sociais. Existe um diferencial entre um jornalista que twitta, e qualquer outra pessoa que twitta.

O imediatismo no Twitter tem provocado mortes de muita gente antes da hora, o divulgado informações como a de falecimentos de pessoas conhecidas que aparecem na rede antes de que a própria família saiba, como aconteceu no caso da morte do ator Philip Seymour Hoffman. Temos aí uma discussão ética.

Como jornalistas, que temos acesso a informações em primeira mão, devemos saber manejar e controlar o que temos. As vezes não interessa dar a informação antes, mas pensar nas implicâncias que ela pode trazer, para as pessoas envolvidas. São questões que se discutem no jornalismo, que fazem que a informação dada por um jornalista seja diferente.

O jornalista tem que ser ágil, tem que ser rápido, mas tem que ter a informação boa. O imediatismo pode existir para atender uma demanda dos leitores. Todo mundo quer saber em que situação está o corredor Michael Schumacher, depois de um acidente. Mas a informação tem que respeitar certos critérios que, só como jornalistas, temos. Não adianta dar uma informação apressada para depois fazer o seu desmentido.



OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |

*Tempo x jornalismo =
missão ameaçada*

*A urgência do noticiário
contemporâneo e suas
ameaças*

Renato Essenfelder

Colunista do Estadão.com,
doutor em Ciências da
Comunicação pela Universidade
de São Paulo (USP) Com
experiência em jornalismo diário,
foi repórter e editor na Folha de
S.Paulo e editor-chefe do jornal
Metro no Brasil. Atualmente é
professor nos cursos de
graduação e de pós-graduação
em Jornalismo da ESPM

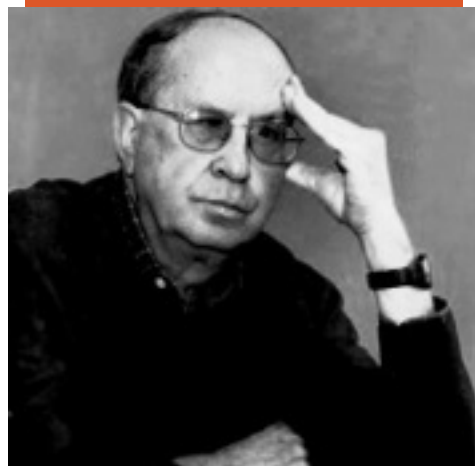
A relação do homem com o tempo tem sido um manancial inesgotável de angústias e prazeres na filosofia, na literatura, no cinema, nas artes em geral e, por que não, no jornalismo.

Começo por pensar sobre a importância dele, o tempo. Volto a 1992, quando Umberto Eco dedicou uma de suas conferências Norton, na Universidade Harvard, à questão do tempo na narrativa de ficção. Na ocasião, Eco disse, inclusive, que havia descoberto a fórmula perfeita para diferenciar um filme pornográfico de um filme erótico. E ela não tinha a ver com a exibição de atos sexuais ou de partes íntimas – o que pode acontecer também na arte. Ela tinha a ver com o tempo. Umberto Eco disse o seguinte: “num filme pornográfico, se alguém pega um carro para percorrer dez quarteirões, o carro vai percorrer esses

dez quarteirões em tempo real. [...] Tudo o que não é sexo explícito tem de levar o mesmo tempo que levaria no cotidiano – enquanto os atos sexuais têm de levar mais tempo do que levariam na realidade. Então, esta é a norma: quando duas personagens de um filme demoram para ir de A a B o mesmo tempo que demorariam na vida real, podemos ter absoluta certeza de que estamos diante de um filme pornográfico.” Avançando no tempo: em 2006 eu tive a oportunidade de entrevistar o filósofo Jesús Martín Barbero para o extinto caderno Mais!, da “Folha de S.Paulo”. Eu já esperava uma

*Barbero deu uma aula
discorrendo sobre como
as mídias haviam
substituído o papel das
igrejas medievais na
organização do tempo
das pessoas*

conversa relativamente rápida, de não mais de 40 minutos, mas acabei me surpreendendo com a generosidade do pensador, que discutiu comigo inúmeras questões do jornalismo e das novas mídias ao longo de mais de três horas em uma sala do hotel em que se hospedara. Concedeu-me tempo. Barbero deu uma aula discorrendo sobre como as mídias haviam substituído o papel das igrejas medievais na organização do tempo das pessoas. O despertar com o rádio, o ler o jornal



OS NOVOS CAMINHOS DO JORNALISMO

| SETEMBRO 2014 | 5º Discussion Paper |

matinal ou vespertino, assistir as notícias da noite na TV e dormir. Então, pergunto: o papel de organizar o tempo, que foi da igreja e de seu campanário e depois das mídias ditas tradicionais (jornal, rádio e TV) pertence a quem, hoje?

Nossa relação com o tempo anda conturbada. Comecei escrevendo esse texto num intervalo de aula no início da semana, depois mandei o rascunho para prosseguir no celular mesmo, durante um café na padaria, resgatei fragmentos no meu laptop à noite e hoje cedo, num computador da ESPM, dei o arremate final. É um texto feito de palavras, claro, mas também de tempo. Ou melhor, de tempos: múltiplos tempos entretecidos aqui, nestas linhas.

O jornalista sempre foi um ser pressionado pelo tempo, mas

creio que hoje, com novas realidades nas relações de trabalho, tecnologias de informação e comunicação e, principalmente, diante de demandas sociais cada vez mais urgentes, impacientes, a pressão do tempo sobre o jornalista aumentou.

Nas mesmas conferências Norton, Umberto Eco fala dos prazeres da demora também. Queremos tudo mais rápido, tudo imediatamente. A audiência não espera nem por um minuto.

Os alunos querem os livros em capítulos, os capítulos em resumos, os resumos em um tweet de 140 caracteres. Não há tempo a perder. Mas tempo para quê?

À medida que aceleramos, nos expomos mais aos riscos dessa nossa impaciência. É possível

sumarizar a saga de Hamlet em um tweet. Vídeos na internet se propõem o desafio de contar a história do mundo em cinco minutos, do Big Bang aos desafios contemporâneos.

Se cremos que a missão do jornalista na sociedade seja de informar para formar para transformar, como ponderar a variável do tempo, da aceleração do tempo, nisso tudo? Sem tempo, corremos o risco de ficar apenas na superfície dessa missão.

Podemos informar, mas podemos formar? E transformar?

